

Capítulo I

Arthur: O Princípio
480 d.C. — 485 d.C.

Arthur, com dez anos, bateu as costas na carroça, espalhando pelo chão os pães frescos, irritando o mercador. A praça ruidosa ficou parada com a briga dos garotos com os ciganos.

Arthur gemeu ao se contorcer no chão, segurando a virilha, onde tinha sido atingido. O segundo chute acertou as costas miúdas e o fez ranger os dentes de fúria. Com um movimento repentino e ágil, virou-se e pegou o oponente pelas pernas, derrubando-o no chão. De joelhos, acertou um soco no rosto do cigano.

Com o canto dos olhos, viu o irmão, Kai, lutando com dois meninos ciganos e um terceiro que disparava em sua direção.

Afinal, por que Kai os teria xingado de cães piores que os saxões? Teriam problemas com sir Ector quando chegassem em casa!

Foi então que viu o brilho de uma adaga. Um homem de olhos escuros e com a cabeça coberta por um lenço sujo, rumava em direção de Kai com a lâmina em punho.

— Cuidado! — gritou Arthur, ao se colocar de pé e correr na direção do homem.

O estranho virou-se ligeiro, a adaga cortando o ar na direção de Arthur. Um braço, vindo do meio da multidão, não se sabe de quem, prendeu o pulso do atacante, que deixou a adaga cair no chão.

Myrddin soltou o homem ao se destacar do meio das pessoas.

— Chega. Tirem suas carroças e caiam fora daqui!

Ele encarou um a um dos presentes, os cabelos emaranhados mais parecendo a juba de um leão. Os ciganos se dispersaram sem demora, deixando os dois meninos com o druida.

— O que houve? — perguntou.

Kai mancou uns passos à frente.

— Um deles estava tentando roubar um pedaço de carne, e decidi

impedi-lo. — Como Myrddin não disse nada, ele continuou: — Está bem, eu devo tê-lo xingado também.

— Por que estava brigando também? — Myrddin questionou Arthur, pousando nele seus olhos claros de águia.

Arthur levou a mão à boca e passou a língua para limpar o sangue que escorria em um canto.

— Eu tinha de defender Kai. Ele é meu irmão.

— É mesmo. Obrigado. — Kai parecia um carneiro. — Eu não fazia ideia de que eles eram muitos. Eu podia tê-los derrotado. Você sabe como gosto de uma boa briga.

— Quantas vezes eu já não disse que é melhor usar a cabeça em vez dos punhos? — indagou Myrddin. — Lutem apenas em casos extremos.

— Mas... — Kai protestou.

— Basta. — Myrddin levantou-se, ostentando sua altura sobre Kai, que recuou. — Trate de arrumar as carroças e ajeitar a bagunça que criou, além de pagar por tudo que estragou dos mercadores. Será difícil compensar a perda de alimentos, que além de um desperdício, é um insulto aos deuses. Mas estes saberão como lidar com você. Vamos ver o que sir Ector tem a dizer.

Ector empalideceu ao ouvir as histórias. Sua esposa, Bronwen, rezava baixinho enquanto enrolava as costelas de Arthur, olhando, nervosa, para o marido.

— Já que os dois fizeram papel de tolos em praça pública, podem tomar o lugar dos bufões no jantar e ceder-lhes seus lugares — declarou Ector com voz grave.

O coração de Arthur se confrangeu. Detestava ter de cantar e fazer papel de bobo. Se assim fosse, não teria tempo de estudar a lição de astronomia de Myrddin. Não haveria como se desculpar. Correu o olhar pela sala à procura do mentor, mas Myrddin continuou impassível. Arthur passou os dedos pelos cabelos.

— Estávamos nos defendendo, sir — disse Kai com o rosto vermelho. — O garoto estava tentando roubar carne!

Ector balançou a cabeça com veemência.

— Esse é um lar cristão, Kai. Não lhe passou pela cabeça que ele podia estar com fome? Você bem sabe que os ciganos não são bem aceitos.

— Mas ele continua sendo um ladrão.

Arthur prendeu a respiração. A atitude do irmão iria colocá-los em apuros de novo.

Fique quieto, Kai.

— E nessa sua batalha para salvar um pedaço de carne, você conseguiu destruir muita coisa que alimentaria os aldeões por alguns dias. — Ector relanceou o olhar para Arthur e voltou para o filho. — Vocês dois podem muito bem passar sem comida por um dia. Esta será a penitência.

Myrddin bateu no ombro de Arthur.

— É o carma, menino. Não lhe disse para não insultar os deuses?

Durante os três anos seguintes, enquanto os combates saxões seguiam, Myrddin continuou ensinando aos meninos Latim, História, Matemática, Ciência e Astronomia. Kai desenvolveu um rápido talento para Matemática e Contabilidade, mas o interesse de Arthur estava nos líderes anciãos.

Certo dia, ele estava enrolando os pergaminhos do começo do verão, quando questionou Myrddin:

— Por que Magnus Maximus abandonou a Bretanha para ir para Roma?

Myrddin colocou o pergaminho dentro do tubo antes de responder.

— O poder é algo fascinante, Arthur. Você deve usá-lo para governar, mas será sua ruína se por acaso se apaixonar.

— Não entendo.

— Venha se sentar. — Myrddin bateu no banco do pequeno cômodo que Ector usava como biblioteca. — A princípio, Maximus foi enviado para cá por Roma para proteger a Bretanha dos pictos. Ele era inteligente. Pegou os homens do Sul e os estabeleceu em seus próprios reinados ao norte da Muralha de Adriano. Cada um com suas próprias terras para proteger, eles lutaram e colocaram os pictos em seu lugar.

E os bretões não o honraram por isso, nomeando-o como Macsen Wledig? — indagou Arthur, estreitando os olhos castanho-claros em sinal de concentração.

— Sim, e Maximus continuou para proteger a zona de separação da Irlanda. Depois ele se casou e entrou para uma família bretã bem-sucedida em Gwent.

— Agora estou mais confuso ainda. — Arthur se levantou e andou de um lado para outro. — Se ele se casou...

— Sim, foi então que começaram os problemas. — Myrddin deu alguns tapinhas na própria orelha, conforme Morgan, a fada, o cutucava em protesto, mas Arthur não percebeu. — Ele não apenas se estabeleceu como os outros na Bretanha, como tinha suas conexões políticas também. Decidiu se declarar imperador. Invadiu tanto a Espanha quanto a Gália e os manteve sem nenhum transtorno aparente.

— E como ele fez isso? — quis saber Arthur, virando-se para o mentor.

— Ah! — Myrddin sorriu. — Foi uma estratégia muito importante, algo de que você precisa se lembrar. Ele se aproximou de um inimigo antigo do Norte, um homem de nome Conanus, e o tornou seu aliado, garantindo a este o governo de parte da Gália chamada Armórica. Isso tornou Maximus duplamente forte. — Ele postou-se ao lado de Arthur. — Então a ambição começou a crescer. Ele invadiu Roma e foi morto por seu amigo de infância, Theodosius.

— Está me dizendo que um homem pode ser ambicioso a esse ponto?

— Pode ser. A missão de um imperador, ou rei, é manter seu povo em segurança e fazê-lo prosperar, assim seus súditos o apoiarão em tempos difíceis. O verdadeiro mérito de um monarca é sua vontade de servir a seu povo, e não à própria ambição.

— Como o rei Uther? — indagou Arthur, sentando-se de novo.

— O que move Uther é livrar a Bretanha dos saxões. — Myrddin sentou-se ao lado do pupilo. — Tarefa difícil, devo admitir. Aqueles que Vortigern trouxe na geração passada já estão estabelecidos.

— Por que eles continuam vindo para cá, Myrddin? Este país é nosso! Por que não ficam em suas terras?

Myrddin ficou com o olhar perdido durante algum tempo antes de responder:

— As terras costeiras dos saxões estão sendo levadas. Pelo leste, os hunos estão fechando o cerco. Alguns dos parentes deles estão estabelecidos aqui. A Bretanha é uma terra rica e fértil. É por isso que está sendo tão disputada.

— Mas a Bretanha nos pertence! Vou defender minha terra até morrer.

— Ah, isso é verdade. — Myrddin sorriu de novo. — Toda vez que dois homens almejem a mesma coisa, haverá conflito. — De repente parou e encarou Arthur. — Isso vale para as mulheres também.

— Quem são elas? — perguntou Arthur, franzindo a testa. — Boadiceia?

Myrddin deu um tapa na própria orelha de novo quando a fada o beliscou com força.

— Não falo de uma rainha guerreira, mas aquela que o deixará sem ar e vulnerável.

— Jamais ficarei vulnerável! — exclamou Arthur.

— Ah, as mulheres são capazes de incitar guerras e causar a ruína de um reinado. Lembra-se de Helena de Troia? Ou Cleópatra?

— Mais ou menos. — Arthur ainda estava confuso, mas deu de ombros. — Bem, pretendo me unir ao exército de Uther assim que for possível. Então liderarei tropas e não deixarei que nenhuma mulher me esmoreça. Serei o melhor oficial que o rei já teve!

— Você me venceu de novo! — Kai tirou o capacete e enfiou a espada na bainha, enquanto seguia com Arthur para o salão nobre do castelo. — Desde que você conversou com Myrddin no ano passado sobre Maximus, não perdeu uma luta sequer.

— Mas você ainda é o melhor na competição. — Arthur flexionou o braço direito e sentiu o músculo tensionar.

Kai soltou uma gargalhada.

— Isso porque sou um ano mais velho e muito mais pesado.

— Mesmo assim. Tenho um metro e cinquenta. Preciso ficar

forte para entrar para o exército de Uther.

Duas criadas carregando grandes baldes de leite passaram por eles e tentaram disfarçar os risos nervosos.

— Você notou que estamos chamando a atenção do sexo oposto ultimamente? — Kai sorriu.

— Desde que você roubou aquele beijo na última festa de Beltane de uma mocinha na taverna, não pensa em outra coisa. Não é à toa que eu o venço em nossas lutas.

— Bem, ela disse que eu parecia um homem — disse Kai, inflando o peito.

Arthur revirou os olhos e seguiu em direção às criadas.

— Deixe-me ajudar...

As moças ficaram perplexas.

— Oh, não, milorde. Esse é um trabalho nosso...

— Os baldes não estão pesados?

— Sim, mas...

— Então, deixe-me levá-los. — Para espanto das moças, Arthur pegou um balde em cada mão. — Preciso treinar meus músculos para vencer aquele... homem ali.

Mas as garotas nem olharam para Kai, seguiram Arthur em silêncio para dentro do castelo.

No dia seguinte, enquanto escovavam os cavalos depois de uma cavalgada, Kai disse casualmente:

— Acho que encontrei a moça que quero levar para a cama.

Arthur deu a volta no alazão e se aproximou do irmão ainda com a escova na mão.

— Você não pensa mesmo em outra coisa, não é? — indagou ele, rindo. — Quem é ela?

— A filha do fabricante de velas — confessou Kai, com o rosto corado.

Mary era mesmo muito bonita, com os cabelos loiros e olhos azuis. Era tímida e superprotegida pelo pai, que trabalhava para sir Ector. Os dois ficariam furiosos quando descobrissem.

— E os dois já sabem do seu interesse? — indagou Arthur.

— Ainda não. Conversei um pouco com ela ontem à noite, depois do jantar. Pretendo encontrá-la hoje mais uma vez. Ela gosta de se sentar no jardim — admitiu com o rosto ainda mais vermelho.

— Ela é uma dama, Kai.

— Filha de um criado. Eu sou o herdeiro de Bonmaison. Este é o meu castelo, e tenho os meus direitos.

— Ele é um mercador, não um criado, Kai. Além do mais, é a maneira como uma moça se comporta que faz dela uma dama. Nunca vi Mary flertar com ninguém. Deixe-a em paz. — Arthur viu a ira nos olhos do irmão. — Olhe, não quero insultá-lo. Se você quer levar alguém para cama, vá até a cidade. Dizem que lá existem muitas mulheres desejosas e experientes.

Kai o encarou por longos minutos, sorrindo de repente.

— Excelente ideia, Arthur. Agora sei exatamente o que vou fazer.

— Acho que você não entendeu uma única palavra que eu disse.

— Arthur meneou a cabeça e continuou a escovar o cavalo.

Uma semana depois, Kai desapareceu durante uma tarde inteira, e quando voltou na manhã seguinte estava com manchas avermelhadas no pescoço e um sorriso de bufão no rosto. Arthur não teve dificuldade para fazê-lo derrubar a espada durante o treino. Não só isso, como o fez perder o equilíbrio também.

Kai ficou de costas no chão, olhando para o céu.

— Você está bem? — perguntou Arthur.

— *Certes*. Nunca me senti tão bem. Irmãozinho, você não faz ideia dos prazeres que o aguardam. — Kai riu enquanto se levantava e voltava a montar seu cavalo.

Arthur pegou as rédeas de sua montaria, ainda intrigado. Não que tivesse deixado de observar as moças no último ano. Na verdade, elas pareciam mais bonitas do que antes. Eram muito amáveis quando ele falava com elas, mas era impossível explicar a razão para Kai estar tão aparvalhado.

Bem, talvez Kai conseguisse tirar da cabeça o que quer que o estivesse dominando.

Arthur virou o cavalo para iniciar uma nova competição, mas Kai

havia desaparecido.

Desse dia em diante, Kai passava cada vez mais tempo no vilarejo. Myrddin reparou quando o rapaz deixou de comparecer às aulas por dias seguidos.

— Ele conheceu uma mulher — contou Arthur, desanimado, pois também sentia falta do irmão.

Um vale tinha se aberto entre os dois, e estava difícil encontrar uma maneira de alcançar Kai.

Myrddin ficou quieto durante algum tempo, observando Arthur.

— Não fique com inveja, Arthur. Logo você entenderá a razão de seu irmão estar assim.

— Não sei se é esse o meu desejo. Ele está parecendo o bobo da corte e já não se concentra mais nas lutas, ou cavalgadas. Além disso, nunca tem tempo para caçar ou pescar.

— De certa forma, é melhor que você não se interesse por mulheres. — Myrddin colocou uma mão na testa, fechando os olhos. — Prevejo uma mulher que irá lhe causar muita dor.

— Então não me envolverei — respondeu Arthur com toda a sua praticidade. — Vou me concentrar em ser o melhor do exército de Uther.

Myrddin abriu os olhos e colocou a mão sobre o ombro de Arthur.

— Como se fosse fácil... Chegará uma hora em que a atração será impossível de resistir.

Quinze dias se passaram depois daquela conversa. Arthur voltava de uma caçada. Tinha acabado de colocar o cavalo no estábulo, quando ouviu um grito abafado ao se dirigir para o salão nobre.

O som vinha do jardim. Sem demora, puxou a adaga e correu até as portas. Não viu nada em um primeiro momento. Mas logo ouviu sons de luta vindo do canteiro onde sua mãe cultivava suas preciosas rosas. Avançou sem fazer barulho, ouvindo os gemidos, outro grito sufocado, e se embrenhou em meio às plantas.

Kai estava deitado sobre Mary, tentando tirar-lhe as roupas. O corpete dela já estava aberto, e ele segurava o seio desnudo.

Arthur colocou a adaga na bota e puxou Kai pelo colarinho da

camisa, jogando-o no chão. Kai levantou-se e partiu para cima do irmão. Enquanto isso, Mary saiu correndo, chorando.

— Que diabos você está fazendo, irmãozinho? — Kai tentou atingir o outro com um soco, mas foi em vão.

— Essa pergunta se aplica melhor a você! Não violentamos mulheres nesta casa.

O que havia de errado com Kai? Era difícil brigar com o irmão.

— Não foi nada disso... — Kai começou a explicar quando, de súbito, o jardim se iluminou pelas tochas que seus pais e os de Mary portavam ao chegarem correndo.

Raiva, dor e vergonha estavam estampadas no rosto de sir Ector. Arthur jamais esqueceria aquele semblante.

— Ela se feriu? — ele perguntou ao filho em um tom de voz cortante.

Kai ainda estava com os punhos erguidos quando encarou o pai e baixou os braços.

— Não. Arthur chegou antes que alguma coisa acontecesse.

O pai de Mary dirigiu um olhar de agradecimento para Arthur, mas sir Ector apenas meneou a cabeça antes de se dirigir ao filho.

— Bem, pelo jeito você acha que já é homem-feito. Pois bem. Amanhã de manhã partirá para o campo de batalha de Uther. Estou certo de que encontrará coisas mais importantes para aprender.

Arthur ficou sozinho no ano seguinte. Depois do ressentimento inicial, Kai descobriu que gostava da vida no exército. Costumava escrever sempre para o irmão, contando que Uther ainda conseguia segurar os saxões nas terras do Leste e que andava irritado por ainda não ter sido enviado em uma missão verdadeira. Tinha arrumado dois amigos, Gwalchmai de Orkney e Bedwyr de Cameliard. Pela maneira de escrever, Arthur percebeu que o irmão já preferia Cameliard. Kai também não deixava de expressar a vontade de tê-lo no exército a seu lado.

— Mas eu quero lutar contra os saxões e deixar a Bretanha livre — disse Arthur a Myrddin. — Não é isso o que os soldados devem fazer? O rei Uther compactua com essa vagabundagem?

— Antes de se casar com Igraine, Uther teve mais mulheres do que consegue se lembrar. — Myrddin arqueou uma sobrancelha. — Ele deve estar saudoso. Igraine é uma rainha cristã e não permitiria galanteios de qualquer espécie.

Arthur teve a impressão de ouvir um riso de mulher, mas não havia ninguém por perto.

— Onde, então, eles arrumam mulheres? — Lembrou-se de Mary sendo forçada por Kai. E poderia jurar que as risadas estavam mais altas.

— Há mulheres que seguem os exércitos para cozinhar para os batalhões e ficar disponíveis em troca de proteção, ou até mesmo dinheiro.

— Dinheiro?! — Arthur ficou chocado. — Temos de pagar?

Myrddin deu um tapinha na orelha, antes de responder:

— Acho que está fazendo perguntas que deveriam ser respondidas por outras pessoas. Você já está com quase um metro e oitenta. Talvez seja hora de se juntar ao exército do rei.

— Será que já estou apto? Tenho praticado muito. Não quero desapontar o rei.

— Duvido que isso aconteça. — Myrddin o estudou por alguns minutos. — Vou levá-lo para visitar alguém que pode dizer se você está pronto ou não... a Dama do Lago.

Apesar de estar no começo da primavera, Arthur cobriu-se com uma capa conforme passavam por uma névoa inesperada. O dia estava ensolarado até então. Myrddin não se abalou com a mudança de temperatura, tão ocupado que estava à procura de alguma coisa.

— Ah, Barinthus, aí está você.

Arthur pulou na sela ao deparar com alguém usando um manto com capuz bem à frente deles.

— O quê? Quem é você?

— Não se assuste — Myrddin o tranquilizou, e ao abanar a mão de um lado para o outro, revelou um grupo de pessoas de pele escura.

Em seguida desceu do cavalo e tomou as rédeas nas mãos, insinuando com um movimento de cabeça que Arthur fizesse

o mesmo. — Eles são os habitantes das cabanas — continuou, apontando para algumas construções. — Ficarão com nossos cavalos enquanto fazemos a travessia.

Arthur forçou os olhos, pois mal conseguia enxergar as pequenas casas empoleiradas em estacas de madeira na margem do lago. Em seguida ouviu que a água batia com gentileza em uma margem não visível. Quando seus olhos se acostumaram à pouca luz, avistou a barca.

— Vamos, suba — Myrddin ordenou.

— Por que há tanta neblina por aqui? — Arthur perguntou a Barinthus, que se afastava um pouco.

— É a respiração do dragão que protege a Bretanha — respondeu Myrddin. — Avallach fica escondida do mundo em sua baía. Se a Dama do Lago não quiser que você a visite, será difícil encontrar o caminho.

Assim que ele terminou de falar, o sol apareceu, tingindo o céu com seus raios dourados. Mais à frente, as montanhas verdejantes se erguiam, majestosas. Entremeando o perfume característico da água salgada, o doce aroma das flores de macieira se fazia presente. Uma jovem sacerdotisa os esperava à margem. Quando o barco atracou na areia, ela fez um sinal para que a seguissem.

— O nome dela é Ceridwen. Ele fez um voto de silêncio — explicou Myrddin mesmo sem Arthur ter perguntado.

Os dois foram conduzidos a uma sala de espera com cadeiras confortáveis, uma arca cravada com runas e uma mesa ornamental. Atrás da mesa havia uma tapeçaria de um cervo branco parado no meio de uma clareira na floresta.

De onde estava, Arthur teve a impressão de que o animal o encarava; mudou de lugar e percebeu que ainda era observado. Ficou fascinado até que duas mulheres entraram na sala, desviando sua atenção.

A mulher mais velha tinha cabelos compridos e prateados, olhos azuis e ombros ligeiramente curvados para a frente. A mais jovem era alta, com cabelos negros e olhos cinzentos. Ambas usavam vestes simples, em branco e azul, e tinham uma atitude régia.

Myrddin se aproximou da mais velha, curvando-se para beijá-la no rosto.

— Lady Vivian, trouxe Arthur à sua presença — anunciou, dando um passo atrás e reverenciando a moça. — Niniane, que bom vê-la novamente.

Vivian ergueu a mão, e Arthur se viu parado diante dela. Sabia que estava sendo avaliado, o que o deixou pouco à vontade. Mesmo assim, empertigou-se e ergueu o queixo. Afinal, estava diante da Dama do Lago, aquela que diria se ele estava ou não pronto para ir para os campos de batalha.

— Ele tem a confiança do pai — disse Vivian com um sorriso.

Arthur abriu a boca, embora estivesse se esforçando ao máximo para não se mover.

— Você conhece meu pai?

Myrddin sempre o fizera acreditar ter sido deixado na soleira da porta de uma igreja perto de Bonmaison. A senhora arqueou uma sobranceira, e Arthur imaginou se não teria sido melhor ficar calado.

— Sim — respondeu ela com voz calma. — Um dia você também irá conhecê-lo, mas ainda não é hora. Não pergunte sobre ele, ainda há muito que aprender sobre si mesmo para saber de onde vem.

Vivian perguntou sobre coisas que o fizeram estranhar, pois nada tinha a ver com habilidades de cavalgar ou empunhar uma espada. Eram questões sobre seus sentimentos em relação aos saxões, à guerra, ao convívio com outras pessoas, respeito e cortesia. Arthur se sentiu como se estivesse sendo entrevistado para ser um padre e não um guerreiro. Finalmente, ela se sentou e recostou-se, fazendo um gesto para Niniane.

— Esta é minha irmã. Ela é a grande sacerdotisa do lago em Brocéliande. — Vivian olhou para o lado. — O que você acha? Vale a pena.

Niniane levantou a cabeça, olhando para Arthur com olhos opacos.

— Você se saiu bem nas perguntas, mas tenho um conselho a lhe dar. Cerque-se de amigos leais, homens que ficarão a seu lado em qualquer circunstância.

— Sim, tenho meu irmão, Kai. Ele já tem dois amigos que irão saudar minha chegada.

— Antes, porém, você precisa de um companheiro leal. Alguém...

— Os olhos de Niniane brilharam por um instante, e quando voltou a falar, sua voz soou distante: — Alguém que salvará sua vida. É preciso encontrar essa pessoa antes que parta para enfrentar seu destino — declarou, encarando Arthur de um jeito que o confundiu.